

Apresentação

Não seria injusto dizer que a ênfase no tempo e no acontecimento marcam uma inflexão importante, talvez a principal, do pensamento contemporâneo, particularmente na área de que nos ocupamos aqui, a da Filosofia. Basicamente, não há filósofo contemporâneo (ao menos na tradição assim dita “continental”) que não tenha se dedicado ao estudo da temática da temporalidade em algum momento de suas obras: pensemos em Bergson, James, Husserl, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Foucault, Deleuze, Ricoeur, Derrida, entre outros. Junto com essa ênfase no estudo da temporalidade, caminha o acentuado interesse pelo conceito de acontecimento. Conceito de difícil caracterização, o acontecimento aparece sempre associado à irrupção intempestiva do novo, estando associado em vários pensadores à questão da temporalidade: assim encontramos a ideia de um “acontecimento apropriador” (*Ereignis*) associado, em Heidegger, à questão da própria origem e despontar do tempo; ou em Deleuze, a ideia de um tempo *aiônico* associado a uma certa irrupção acontecimental (como vemos em *Lógica do sentido*). A ideia dos editores deste terceiro volume da revista *Lampião* foi ver até que ponto estas noções ou conceitos correlatos – tempo e acontecimento – poderiam esclarecer importantes aspectos das filosofias de diversos autores. Para tanto, sugerimos o dossiê “Tempo e acontecimento na Filosofia Contemporânea”, para o qual contribuíram oito autores e autoras de diversas áreas filosóficas. Gostaríamos desde já de registrar nosso especial agradecimento a todos eles e elas.

Se a tradição filosófica defendeu quase sempre a precedência da eternidade sobre o tempo, tal situação se inverte na contemporaneidade. A própria questão ontológica passa a ser pensada sob o prisma do horizonte temporal: o ser passa a designar não a esfera das formas ou essências imutáveis (como o era para um Platão), mas algo que só adquire sentido a partir do horizonte da temporalidade – esse é o caso, evidentemente, para Heidegger, mas também o era, antes dele, para Bergson: para o filósofo francês, todo o real constitui uma grande cadeia de *graus de duração diversos*, sendo a tarefa da Filosofia pensar o real *sub specie durationis*, e não como a tradição pensou, *sub specie aeternitatis*. A inversão preconizada por Nietzsche adquire na contemporaneidade todo seu valor: o que importará a partir dela será pensar o real como devir, vir-a-ser, mudança, duração, processo enfim. A chave para questão ontológica residirá então no tempo: é a partir dos horizontes de um certo *campo temporal* que os objetos e os próprios sujeitos podem se constituir, *campo temporal* esse que Husserl pensava como sendo aquele do *presente vivo*, estrutura

basilar da *consciência interna de tempo*, e que Heidegger expandirá para se pensar como a própria estrutura interna do *ser do ente* pensado como *presença* (como podemos ver na admirável conferência de 1962 intitulada *Tempo e ser*). Diversos autores contemporâneos estarão atentos a esse desenrolar ontológico da temática do tempo: de estrutura-chave da consciência, ela se torna uma chave para se compreender a própria estrutura do real, pensado não somente em seu aspecto material efetivo, mas também englobando o domínio da idealidade ou virtualidade do pensamento. Questões como o engendramento do domínio do sentido – que permitem o advento da própria linguagem – começarão então a estar no horizonte de autores como Deleuze e Ricoeur, que o pensarão como estando nitidamente associados à questão do acontecimento. É essa ampla gama de assuntos, que vão desde a consciência à ontologia, passando pela questão da constituição do sentido de um enunciado, que o nosso dossiê visa contemplar. Para tanto, ele se desdobra em alguns eixos, que passamos a descrever a seguir.

O primeiro eixo apresenta um pouco da concepção heideggeriana do tempo e do acontecimento, partindo da fundamental pergunta sobre “Quem somos nós?”. O artigo que o compõe se intitula **Identidade humana como dependência e pertencimento (a partir do pensamento do *Ereignis*)**, de Daniel Rodrigues Ramos. Nesse artigo, o autor visa mostrar como a identidade humana está numa relação de dependência radical com o “acontecimento apropriador” (*Ereignis*) que a precede e a fundamenta. Com uma escrita profunda e meditativa, o autor vai abordando paulatinamente o sentido da questão “Quem é o homem?”, mostrando que, a despeito da importância de noções como a de autonomia para se pensar a essência humana, esta também deve ser pensada, ao menos de um ponto de vista ontológico, como baseada numa fundamental dependência em relação ao Ser, o qual nos projeta e nos joga na existência, e fundamenta o espaço para qualquer decisão. Nesse denso percurso investigativo, o autor se serve principalmente do Heidegger tardio, encontrando nas “Contribuições à Filosofia – do acontecimento apropriador” seu principal ponto de apoio conceitual.

O segundo eixo, por sua vez, nos apresenta um pouco da concepção ricoeuriana do acontecimento e da ipseidade, assim como possíveis intersecções conceituais a partir dela, sendo composto pelos artigos de Helena Pinela e Cristina Amaro Viana. O texto de Helena Pinela, **Apontamentos para uma hermenêutica do envelhecimento em *Símbolos rios que vão*, de António Lobo Antunes**, é um potente ensaio de hermenêutica, tendo por foco um interrogador existencial maior: o envelhecimento. Analisado através de um entrelaçamento refinado e criterioso entre o pensamento hermenêutico de Paul Ricoeur e a obra supracitada de António Lobo Antunes, o atravessamento entre tempo e

acontecimento é evocado na figura conceitual da *identidade narrativa*, alinhada à trama de *Sôbolos rios que vão*. Neste contexto, o lugar da memória na construção narrativa de si mostra seus tensionamentos ao confrontar-se com as vulnerabilidades humanas, com as inevitáveis ausências e com a espera, que se torna tanto mais aguda na velhice. Haverá, no entanto, pergunta-se a autora, uma *simbólica do agir comum* que possa irmanar as vulnerabilidades agudizadas pelo envelhecimento com as fugacidades das vivências contemporâneas, dos imperativos *prêt-à-porter* de juventude e de bem-estar? Certo *mal-estar ontológico*, presente na experiência da dor e do sofrimento, estende-se, em certa medida, à própria existência, confrontada ao fato de que *leva uma vida inteira fazermo-nos humanos*. Já o texto de Cristina Amaro Viana, intitulado **Paul Ricoeur e o acontecimento**, parte de uma instigante conferência de Ricoeur, intitulada “Événement et sens” (“Acontecimento e sentido”), de 1971, para tentar pensar como se dá a intrincada relação entre os acontecimentos que povoam a nossa vida subjetiva e sua integração numa estrutura narrativa coerente. Nesse sentido, como aponta a autora, o acontecimento e o sentido, apesar de aparentemente diferentes, não são mutuamente excludentes: o sentido pode de algum modo incorporar os diversos acontecimentos, acontecimentos esses que mantêm, contudo, sua natureza selvagem. É a esta intersecção entre o acontecimento e o sentido que a autora nos transporta, tentando nos fazer ver, a partir de exemplos bastante concretos, como se dá a emergência do sentido linguístico a partir destes acontecimentos em estado bruto. Mas a autora também explora uma importante reviravolta conceitual em Ricoeur, mostrando como *o acontecimento opera na própria seara narrativa*, enquanto criador de uma imprevisível novidade no discurso linguístico. Nesse sentido, ela finaliza fazendo um importante apontamento, que indica como a conferência de Ricoeur antecipa as figuras das três mimeses que o filósofo francês apresentará mais tarde, em *Tempo e narrativa*.

O terceiro eixo se concentra no pensamento do filósofo francês Henri Bergson. Ele conta com as contribuições de Geovana da Paz Monteiro e Heliakim Marques Trevisan. Em seu artigo **A temporalidade na metafísica e na ciência: uma interpretação bergsoniana**, Geovana da Paz Monteiro se concentra principalmente na primeira obra de Bergson, *O Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, a fim de nos fazer ver e compreender como a noção de *duração* apresentada nesta obra difere radicalmente da concepção do tempo objetivado e espacializado com que operam as ciências. Como fluxo qualitativo ininterrupto, a duração é contraposta nesta obra às concepções oriundas da ciência, que operam a partir da ideia de um modelo quantitativo do tempo. Mais do que isso: o Bergson do *Ensaio* denuncia vigorosamente a intrusão deste tempo espacializado e quantitativo no domínio da investigação psicológica experimental, que estava em seus

primórdios na época da escrita do livro, como tão bem nos mostra a autora: surge disso sua crítica a esse misto de qualidade e quantidade que é a *grandeza intensiva*, tão importante para a psicologia experimental de seu tempo. Por fim, a autora mostra de forma muito bem-sucedida como o modelo de tempo qualitativo do *Ensaio* estará presente naquela que é uma das obras mais controversas de Bergson: *Duração e simultaneidade*, seu polêmico livro sobre a teoria da relatividade restrita de Einstein. A autora assim muito esclarece as principais divergências teóricas entre Bergson e seus críticos naquela obra, calcando-a numa diversidade de concepções acerca da própria natureza do tempo. Por seu lado, Heliakim Marques Trevisan, no artigo **Crítica, tempo e imanência em Bergson**, retoma a importância da concepção da temporalidade de Bergson, assim como a centralidade do conceito de duração em sua obra, para tirar as consequências ontológicas do *tournant* proposto pelo filósofo francês, que buscava ver no tempo, e não mais na eternidade, o tecido mesmo do real. Num primeiro momento, Heliakim Trevisan analisa o caráter substancial que a duração adquire no pensamento do filósofo francês: estando presente em todos os entes, em variados graus, a duração bergsoniana permite chegar a uma concepção unívoca do ser, onde tudo é variação intensiva entre graus de duração, e nada mais. Decorre disso uma concepção renovada do processo de *criação*, que estará agora associada à própria natureza produtiva do tempo, em sua marcha ininterrupta de produção de novidade. Por fim, o autor nos apresenta a crítica bergsoniana à possibilidade de a inteligência apreender essa natureza duracional do real, apontando para outra possibilidade de apreensão interna do real, calcada na intuição, e não mais na inteligência.

O quarto eixo se concentra no pensamento de Michel Foucault, contando com a contribuição de dois importantes especialistas de sua obra. Num primeiro texto, intitulado **Michel Foucault e “a questão antropológica” – precisões históricas e conceituais**, Marcio Luiz Miotto faz um extenso e relevante recenseamento de diversas informações sobre o pensamento foucaultiano quando da ocasião do curso de antropologia ministrado pelo filósofo francês em Lille e na ENS (*École Normale Supérieure*), entre 1951 e 1955, e lançado recentemente como o livro *La question anthropologique*. Como nos mostra Marcio Miotto, nesses anos decisivos do percurso do filósofo, uma diversidade de interesses despontam para Foucault: a importância decisiva de Nietzsche, o interesse crescente pela questão da loucura, a confrontação com o pensamento de Marx e Heidegger, entre outros. Depois de efetuar esse recenseamento de grande relevância, o autor passa a tirar as consequências e implicações de tais diálogos e influências, mostrando o seu papel estratégico no percurso intelectual de Foucault, assim como sua importância decisiva para as obras posteriores do filósofo francês. Já no segundo artigo desse eixo, intitulado **O acontecimento como uma**

saída à verdade da prática discursiva, Giovana Carmo Temple retoma a noção-chave de acontecimento em Foucault, principalmente a partir dos livros *A arqueologia do saber* e *A ordem do discurso*, mostrando sua origem no pensamento estoico, principalmente a partir da leitura que Émile Brehier fez deste, no clássico livro *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*. A autora faz então alguns ricos apontamentos sobre o tema dos incorporais e do acontecimento para o pensamento estoico, esclarecendo alguns aspectos difíceis do livro de Brehier. Concluído este ponto, a autora passa a mostrar como a noção de acontecimento permitiu a Foucault erigir uma concepção da história em que esta não é pensada mais como sucessão de eventos causalmente ordenados, mas como irrupção abrupta de acontecimentos, calcada numa temporalidade anômala, outra que a da sucessão linear. Sem dúvida, um artigo muito instigante, que lança luz sobre um aspecto fundamental do pensamento de Foucault.

Por fim, num último eixo, temos a contribuição de Maísa Martorano Suarez Prado, intitulado **Sociedade automática: o Leviatã eletrônico e as possibilidades de conhecimento na era digital**. Nesse artigo, a autora discute um tema de capital importância para os nossos dias, a saber a emergência de uma forma de “sociedade automática” regida pelas *big techs*, pela inteligência artificial e pelo *big data*. Partindo das elaborações pioneiras de Wiener e Simondon sobre a essência da informação e da técnica, a autora usa como principal referencial teórico o livro de Bernard Stiegler *La société automatisée*. Fazendo um instigante paralelo entre as formulações de Stiegler e aquelas de Husserl sobre a consciência de tempo, a autora nos faz enxergar como a “sociedade automática” emergente em nosso tempo fragiliza e incapacita o próprio cerne de nossa subjetividade, a saber, a consciência de tempo. Incidindo sobre a nossa capacidade de projetar um halo de protensões, assim como sobre nossa capacidade de reter o passado, as novas tecnologias digitais produzem cada vez mais um ser humano fragmentário e despersonalizado. Quais as consequências e possibilidades oriundas deste processo? Este é um ponto a que a nossa autora somente alude, no final do artigo, ao apontar para uma possibilidade de se repensar o comum a partir das mudanças que agora ocorrem na subjetividade humana.

Afora os artigos que compõem os cinco eixos do dossiê, temos também a contribuição de Gabriel Chiarotti Sardi, com uma resenha de *Representar e intervir*, de Ian Hacking, filósofo canadense recentemente falecido. Gostaríamos de deixar aqui a nossa homenagem a esse filósofo, de grande importância para diversos professores do PPGFIL-UFAL.

Contamos também, nesta edição, com a arte de Nadja Maria Vieira da Silva, que

nos agraciou com suas belas e inquietantes ilustrações a bico de pena. Agradecemos vivamente sua colaboração neste terceiro número da Lapião.

Desejamos uma boa leitura a todas e a todos!

Os editores